

SELEÇÃO DE POETAS GOIANOS DO SÉCULO XIX

BARTOLOMEU ANTÔNIO CORDOUIL

(1746—1810)

Nasceu no Rio de Janeiro, 1746. Conforme alguns autores, ele teria nascido em Ouro Preto, Minas Gerais e de lá foi para Goiás. Esta versão contraria o próprio testamento de Bartolomeu Cordovil, que declarou ter nascido no Rio de Janeiro. Advogado pela Universidade de Coimbra (Portugal). Chegou em Goiás em 1783, como primeiro professor de Latim de Goiás, nomeado pelo Governador Tristão da Cunha Menezes, em 1788, a quem dedicou a poema transcrito abaixo. Lecionou 12 anos em Meiaponte (hoje Pirenópolis), onde faleceu em 1800. Escreveu, entre outros poemas, "Ditirambo", "Epístola", "Às Ninfas", "Epístola aos Arcades do Rio de Janeiro", "Ode", e "Proteu e Sonho". Publicou, em Coimbra, uma tradução da Arte Poética, de Horácio.

Ditirambo

Ninfas goianas,
Ninfas formosas,
De cor de rosas
A face ornai.
Vossos cabelos
Com muitas flores
De várias cores
Hoje enastraí.
Sim, ninfas, aplaudi tão grande dia!
E tu, doce Lieu, pai da alegria,
 Vem-me influir,
Que os anos de Tristão quero aplaudir.
 Olá, traze do Feno
O suave licor grato e sereno;
Traz os dourados copos cristalinos,
 Venham falernos,
 Venham sabinos,
Deita, deita, enche o copo — gró, gró, gró:
Não entornes, espera, que estão só
 Não é que havemos
 Hoje beber;
 Mais vinho temos
 Sem confeição,
 Para brindar
 O bom Tristão.
 Hoje é à sua saúde
Pretendo de beber mais de um almude!

 Evoé
 O padre Leneu
 Saboé
Evan Bassareu.

Néctar suave, oh! quanto me consolas!
 De mim se ausentem

 Rixas, temores,
 Penas e dores.
Venha outro copo de Baco espumante,
 Que ferva no peito,
 E a mente levante.
Nos lusos fastos não se leia agora
Dos seus maiores a brilhante história:
Com alheias ações não condecora
 A sua alta memória
O bom Tristão, delícias dos humanos.
 O curso dos seus anos
Cheio não são deste furor guerreiro,
Que nos campos de Marte desbarata,
Rende, saqueia, obriga, assola e mata;
 Mas esperam, que escuto!
Vejo os troncos bolir! Ah! sim, bem vejo
Os sátiros brincões, Faunos auritos,
Que cheios de desejo,
Saltando aos ares vêm ruidosos gritos,
Os caprípedes deuses que diriam?
Se não me engano, em sua companhia
Vem bistanidas Trácias ululando,
Agitadas na rúbida ambrosia,
Em coréias sincinas volteando,
Estas doces cantigas modulando :
 Goianos louvemos
 Tristão imortal,
 Bebamos, dancemos,
 Ausente-se o mal.
E os doces licores
Em taças se entornem
De claro cristal.

 Evoé
 O padre Leneu
 Saboé
Evan Bassareu.

Pois já que Tristão
 De paz nos encheu,
 Gostosos bebamos
 O sumo de Oreu.
 Traze, traze depressa o peramanca,
 Empine-se a botelha toda inteira.
 Mas que chama ligeira,
 Ao modo de uma tropa,
 Pelas túmidas veias me galopa?
 És tu, Brômio gostoso? Eu bem te entendo.
 Bebamos mais aquele, que das ilhas
 Me mandaram de mimo
 Do profundo oceano as verdes filhas.
 No licor forte o coração me nada,
 Baco, Baco, evoé!
 O que terei nos pés? eu cambaleio?
 Caindo estou de sono:
 Depois que esvaziei quatro botelhas,
 Rúbidas tenho e quentes as orelhas,
 O nariz frio, os braços estendidos,
 Parece-me que gira a casa toda.
 Já não posso suster-me — nos ouvidos
 Sinto um leve sussurro:
 O corpo tremelica, o chão me falta,
 E julgo que esta casa está mais alta.
 Como o teu elixir
 Tão depressa, ó Leneu, me faz dormir?!

Agora eu queria
 Cantar do bom Tristão
 O seu cândido gênio,
 O terno coração,
 A pressaga prudência,
 A profunda modéstia,
 A serena clemência,
 A justa temperança,
 Agora é que me fazes tal mudança?

Evoé
 O padre Leneu
 Saboé
 Evan Bassareu.

Venha um corpo, dois copos, três copos,
 Retinem nos ares
 Mil brindes contentes.
 E os povos ardentes
 De suma alegria,
 Nas aras do gosto
 Com férvido mosto
 Entoem Gostosos
 Sem mais dilação
 Os anos ditosos
 Do terno Tristão.

Evoé
 O padre Leneu
 Saboé
 Evan Bassareu.

Sim, do grande Tristão tantas virtudes
 O povo lhe louve,
 O neiva lhe dará muitos almudes
 Deste espírito rubro,
 Que colhe no moinho,
 Que os pesares desvia,
 Que o sono concilia,
 Que alegre a mocidade,
 Que faz vermelha a envelhecida idade.

Evoé
 O padre Leneu
 Saboé
 Evan Bassareu.

FÉLIX DE BULHÕES (1845-1887)

Nasceu na cidade de Goiás (GO). Após longa estadia fora de sua terra natal, retorna a Goiás em julho de 1884, onde desempenhou relevante papel cultural, lutando pela imprensa livre, pela escola gratuita e pelo desenvolvimento do saber, revivendo o "Gabinete Literário". Em 02 de julho de 1879, ainda magistrado no interior goiano, funda, juntamente com o presidente da Província, Aristides Spindola, a Sociedade Emancipadora de Escravos. Estabelecido na capital, erige, em 1885, o Centro Libertador de Goyaz cujo jornal seria "O Libertador". Escreveu diversos poemas sobre os males e a desumanidade da escravidão, evocando ideais de igualdade e de respeito ao próximo, embasados nos ensinamentos cristãos. Destacam-se as poesias: "Os Sexagenários", "Hino Abolicionista" e "Hino Libertador". Tais obras eram publicadas principalmente no "Libertador" e no jornal

"Goyaz". Em 1901, sua mãe Antônia Emília Rodrigues Jardim, reuniu suas poesias e publicou, através da Tipografia do jornal Goyaz, a obra "Poesias do Desembargador Félix de Bulhões". Morreu em 29 de março de 1887, de cirrose hepática.

O goiano da gema

O goiano da gema, o da cidade,
é sempre ou quase sempre um bom sujeito,
para o trabalho sério — pouco jeito;
para a intriga — bastante habilidade.

Se não tem que fazer, por caridade,
tosa na vida alheia sem respeito;
e acredita estar muito em seu direito
apoquentar assim a humanidade.

Se vai dar-te uma prosa, por brinquedo,
arruma-te um cacete, que te pisa,
qual se fora de ferro ou de rochedo,

e, cousa que aborrece e encoleriza,
visita a gente de manhã bem cedo,
quando se está em fralda de camisa.

Só

“Parei! – chegado havia ao cimo da
montanha
Aspérrima e tamanha –
O sol morria além!
Parei; sentei-me à beira do caminho,
Sentei-me ali sozinho,
Eu só, sem mais ninguém.

Olhei atrás e avante. – Os largos horizontes
Debruçam-se nos montes.
E longes, por além,
De branco e azul e fogo e púrpura
toucados,
Diziam contristados:
“Tu só sem mais ninguém.”

Percorro o estádio feito em um só lance
d’olhos
Sem contar os abrolhos,
E muito, muito além,
Nas veigas serpentes o trilho venturoso
Que eu correrá ditoso,
E só, sem mais ninguém.

Atrás deixava o prado, a vida, a flor, o
aroma,
E o doce amor que assoma
Na juventude. Além,
Além a névoa densa, a dúvida insegura,
Além a bruma escura,
Eu só, sem mais ninguém.

Avante a escarpa está de crua descambada,
Precípitate e eriçada,
Um passo mais além,
Eu vou com passo firme e resoluto e certo
Para o eterno deserto,
Eu só, sem mais ninguém.”

Hino Abolicionista

Eia! exulta, a clamar liberdade
Quem há pouco dobrava a cerviz!
Vão quebrar-se da lei da igualdade
Os grilhões de uma raça infeliz.

De Aristides ao grito acordada
Ela a triste cabeça elevou;
E o clamor de uma nova cruzada
Pelos vastos sertões retumbou.

CORO: Eita! Exulta etc.

No formoso horizonte goiano,
Retocado de cores gentis
O cruel privilégio inumano
Terminou. Já não há mais servis.

CORO: Eita! Exulta etc.

O passado sepulta-se escuro
Ante a aurora que rósea brilhou:
Rio Branco liberta o futuro
O presente ele aqui libertou.

CORO: Eita! Exulta etc.

MANUEL LOPES DE CARVALHO RAMOS
(1864 - 1911)

Nasceu em Cachoeira, Bahia. Muda-se para Goiás em 1888 para ocupar a cadeira de juiz de Direito de Rio Bonito (Caiapônia). Devido à intensa atividade literária, torna-se o líder intelectual de sua época após a morte de Félix de Bulhões. Ao lado de Félix de Bulhões, Joaquim Bonifácio, Ygino Rodrigues, a poesia de Carvalho Ramos é romântica, com acentos condoreiros no uso de imagens e hipérboles. Aos 32 anos de idade publica o seu livro mais famoso, o poema *Goyania*, poema épico de 20 cantos em oitavas rimas que celebra a aventura histórica do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva. Escrito em 1896 em Caiapônia (Goiás), este poema traz uma reflexão sobre os genocídios causados no estado de Goiás após a chegada de europeus. O nome de seu poema foi a inspiração do nome da capital goiana, Goiânia. Poeta fecundo, deixou muitas obras inacabadas e poemas esparsos, os quais tinha ideia de reunir sob o título geral de *Minhas poesias*. Pai dos ilustres escritores Victor de Carvalho Ramos e Hugo de Carvalho Ramos, o poeta morreu no Rio de Janeiro no dia 9 de setembro de 1911.

Goyania
Canto primeiro

Eu canto, pátria minha, o herói fecundo
Que imortal sublimara aquela idade
Em que o Brasil, sonhando a liberdade,
Cingia as vestes do nascente mundo;
Em que da História, irmã da humanidade,
Tinha o gigante audaz o ser profundo,
E aqueles que, nos bosques brasileiros,
Foram os grandes caiapós guerreiros.
Ó tempos idos! Ó remotas eras!
Em que, à sombra das árvores copadas,
E das montanhas para os céus voltadas,
Eram outras as nossas primaveras!
Em que das selvas brutas e agitadas
Eram selvagens os irmãos das feras,
Em que a voz do cacique, ardente e bela,
Soía um brado ser da eterna tela.
Eras tu, pátria forte, o grande povo
Embalado no bosque americano,
Não de escravos nascido ao eito insano,
Mas de algum ventre poderoso e novo;
Que então não tinhas outro soberano
Senão esse fortíssimo renovo,
Mas que o perdeste à marcha triunfal
Dos bravos, que ilustraram Portugal.
Eras tão livre como a voz dos ventos,
Que as tuas alvas praias despertavam,
Como a orquestra das aves, que esperavam
Da aurora os raios fortes e opulentos.
Ousado Prometeu, que em ti buscavam
Nações da Europa, espíritos sedentos,
E estranhos, feros, cegos desertores,
E escravos negros de cruéis senhores?
Em tudo a voz da terra esperançosa
Mil fantásticas sombras atraía;

Em seus prados ubérrimos nascia
Forte imburana ao pé de branca rosa;
Em seus vales risonhos, quando o dia
Na luz dalva acordava a tribo irosa,
Eram lágrimas doces, purpurinas,
As linfas das ribeiras cristalinas.
Mas em ti, só em ti, goiana terra,
Correia pertinaz ouvira o brado
Firme, soberbo de um país talhado
Para os frutos da paz, e não da guerra;
Porque em ti se firmava o luso errado,
Vingando as regiões de serra em serra;
Porque em ti, se não fosse a idade forte,
Teria a própria liberdade a morte.
Mas, por isso, bem vês, goiano povo,
A quem meus versos neste canto envio,
Que imagens vagas de paixão não crio,
Mas a glória da pátria em que eu me louvo.
Em teu regaço, em que melhor me fio,
Deponho a lira e o canto audaz e novo;
Dá que a musa, animando a luz da história,
Da pátria cante a primitiva glória.

(*De Goyania*, 1986)

Petrarca

Amar, saber amar, crer só no amor
brilhante,
No amor que torna amor mais cândido,
constante,
No amor que a natureza em lágrimas copia,
No amor que é da alma grande a mais doce
harmonia,
Tal teu destino... A história é legenda
saudosa

Consagra Laura, e ri dessa alma cor de
rosa,
Mas ri de inveja, sim, de inveja; - que o
poeta,
Quando ama, é que essa luz não deve arder
secreta,
Mas derramar-se pura, em leda fantasia,
Através de algum verso, em rútila poesia,
Roubando à estrela dalva o brilho
purpurino,
Com que há de aclarar seu último destino.
Vê, pois, doce cantor, porque da
obscuridade
Teu nome surge e brilha e corre a
imensidade
Da história, e no presente o que já foi
desperta,
— Passado que se faz a lágrima deserta
Dum infeliz amor, mas compensado e puro
— :
Como Laura é presente e o passado é
futuro!
A grandeza do amor está num impossível:
Amar, sem ser amado, é prova bem
terrível;
Amar, mas dar a vida a quem no-la não
deve

Ditosa receber, é sublime; - e se escreve
Teu génio docemente: - "*Amor la spinge e
tira
Non per elezion, ma per destino.*"
. ,..... Ouvira
Assim minha alma a tua, em cântico
inditoso:
Como conduz teu génio um pesar
venturoso!
Triste sonho de amor, que Deus apenas
sabe,
Porque dure através de um pranto que se
acabe!
O meigo sonhador tem um destino acerbo;
O amor, que é sua vida, é de seu génio o
verbo;
Ele o conduz ao bem através do perigo;
Anima-o para o céu; perlustra-lhe o jazigo;
Companheiro fiel de um pensamento nobre
Consola-o no pesar, torna-o faustoso
pobre;
E, em tornando-o senhor de um castelo
dourado,
Dá-lhe inda a fantasia o pão de um
condenado!

(De *Os gênios*, 1895)

REFERÊNCIAS

BRASIL, Assis (Org.). *A poesia goiana no século XX*: (antologia). Rio de Janeiro, Imago Ed.; Goiânia: Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira, 1997.

SOUZA, Salomão (Coord.) Poesia de Goiás. *Antonio Miranda*. Disponível em:
http://www.antonimiranda.com.br/poesia_brasis/goias/goias.html. Acesso em: 11 nov. 2020.